

OS “INIMIGOS DA CRUZ DE CRISTO”: PAULO E OS ANTAGONISTAS DE FILIPOS

*Marcelo da Silva Carneiro**

Introdução

Há um dito de Jesus, considerado autêntico por muitos especialistas, que diz: “Supondes que vim para dar paz a terra? Não, eu vo-lo afirmo; antes, divisão” (Lc 12,51). Esta afirmação traz certo desconforto diante da proposta de não violência do Evangelho. Mas, ao mesmo tempo, não se pode ignorar que ela expressa de forma bastante realista as polêmicas que o mesmo Evangelho da Paz causou entre diferentes grupos, e que ainda causa até hoje. Uma proposta de leitura ecumênica da Bíblia não pode simplesmente disfarçar os conflitos presentes nela, quando na vida estamos envolvidos em tantos parecidos. De fato, partir de uma análise dos conflitos que transparecem no texto bíblico pode nos ajudar a perceber o alcance e os limites de um diálogo ecumênico.

Nas origens do cristianismo, no período apostólico, a relação entre os diferentes movimentos que defendiam a mensagem cristã foi cercada de muitos confrontos e controvérsias. A onda em torno dos evangélicos gnósticos não representa, de forma alguma, a totalidade desses conflitos. Isso fica bem claro nas diferentes questões que Paulo levanta em suas cartas. A Carta aos Filipenses nos dá um vislumbre de um exemplo disso, a partir desse trecho polêmico (Fl 3,1b-21) que pode, inclusive, se tratar de uma carta isolada e depois anexada ao contexto de outra maior.

Paulo foi um apóstolo em conflito: com a Igreja, em sua origem farisaica; e com os antagonistas, de diferentes procedências, após a sua vocação cristã. Uma de suas preocupações girava em torno da influência que líderes de outros grupos pudessem exercer em comunidades fundadas por ele, nos períodos em que ele se ausentava.

É possível ver essa preocupação do apóstolo em várias de suas epístolas, mas especialmente em Gálatas transparece problema semelhante. Em Gl 3,1, encontramos Paulo exortando a comunidade: “Ó gálatas insensatos! Quem vos fascinou a vós outros, ante cujos olhos foi Jesus Cristo exposto como crucificado?” Ali também há uma relação entre ensino falso e a verdadeira mensagem, que remete à cruz.

O texto de Filipenses 3,1b-21 está estruturado de forma bastante esquemática. Inicia com uma advertência (v. 1-3), seguida de uma espécie de autobiografia de Paulo (v. 4-11), em que ele aponta para a “sublimidade do conhecimento de Cristo” (8b) em

* Mestre em Teologia pela PUC-Rio, coordenador de curso e professor de Novo Testamento na Faculdade de Teologia do Centro Universitário Metodista Bennett, pastor metodista.

relação a qualquer posição social ou cultural que ele possuísse. A seguir ele exorta a comunidade ao desenvolvimento de sua salvação (v. 12-16), numa admoestação pessoal à comunidade, para então retornar ao problema dos adversários que motivaram essa exortação, aos quais chama de “inimigos da cruz de Cristo” (v. 17-21).

1. Um pouco de teoria dos conflitos

Nossa abordagem nesse texto se dará sob a perspectiva da análise de conflitos, no seu contexto histórico-social. Essa abordagem se mostra importante porque demonstra como as definições teológicas se dão a partir de polêmicas entre grupos que defendem posições antagônicas. Muitas têm sido as análises feitas nesta perspectiva¹.

A definição que se pode encontrar num dicionário de Sociologia sobre o conflito é “luta consciente e pessoal, entre indivíduos ou grupos, em que cada um dos contendores almeja uma condição, que exclui a desejada pelo adversário”. Quer dizer, o conflito se dá entre grupos que defendem certas ideias similares, mas que se tornam concorrentes entre eles. Quanto mais próximos ou parecidos, tanto mais intenso será o conflito entre esses grupos, principalmente para estabelecer as diferenças.

Por isso mesmo os conflitos produzem efeitos positivos de reforço da identidade do grupo ameaçado. Solidificam uma existência coesa, na definição de suas crenças e ideologia, além da estrutura de funcionamento interno do grupo (Gager, 1975, p. 79-87).

O cristianismo primitivo esteve desde o seu início envolvido em polêmicas e conflitos. Ainda como movimento itinerante de Jesus na Palestina, percebem-se controvérsias oriundas da interpretação a respeito da Torá, e da postura de Jesus frente a outros grupos religiosos. Esses conflitos se intensificaram no decorrer dos anos, especialmente porque os grupos frequentavam os mesmos ambientes (sinagoga, templo), discorriam sobre a mesma matéria (a vontade de Deus, a vinda do Messias, a salvação de Israel diante do opressor), e mantinham a adoração ao mesmo Deus.

Em relação às comunidades crentes em Cristo no Mediterrâneo ocorreu processo similar. Entraram em conflito aberto com a liderança judaica das localidades, principalmente pela adesão de muitos judeus à nova fé. Por outro lado, houve certo nível de controvérsia com helenistas politeístas convertidos, conforme se vê em 1Cor, pelo fato de Paulo reforçar bastante a proibição de práticas sexuais comuns a esse ambiente, mas que as comunidades crentes em Cristo repudiavam, por conta de sua matriz moral judaica. Mas, sem dúvida, os grupos judaicos foram os que mais entraram em conflito com os crentes em Cristo, a ponto de Cláudio estabelecer medidas contra os grupos judeus, onde parece ter havido tais conflitos. O edito de Cláudio (49-50 dC) é testemunha extrabíblica das proporções a que chegou o embate em Roma. Lucas relata que *todos* os judeus foram expulsos (At 18,2), mas isso não pode ser comprovado. Pro-

1. A revista *Estudos Bíblicos* n. 30 – “Conflitos de espiritualidade na Bíblia” – trata desse assunto. Da mesma forma o artigo de Roberto Lopes de Souza, “A mística na epístola de Gálatas”, *Estudos Bíblicos* n. 97, trabalha vários aspectos de conflito na comunidade.

vavelmente o foram aqueles que estavam diretamente envolvidos na polêmica entre judeus e “cristãos”.

Parece que as polêmicas e o conflito indicados na Epístola aos Filipenses demonstram situação similar. Tempos depois que Paulo saiu da comunidade, chegaram lideranças para proclamar a mensagem sob outra perspectiva, ou grupos antagônicos da cidade se levantaram contra a comunidade. O estilo adotado nesse trecho é similar à forma literária de um “testamento”. O texto judaico *Testamento dos Doze Patriarcas* tem estrutura semelhante, onde aparece uma história biográfica, uma advertência ética e uma instrução escatológica, incluindo maldições contra os oponentes (ex. II – O Testamento de Simeão).

O problema está na identificação do grupo de filipenses: é externo (pessoas ou missionários que chegaram com pregação dissonante) ou interno (pessoas ou grupos de Filipos que discordaram da pregação de Paulo)? Além disso, do ponto de vista teológico, qual é a posição desse grupo contendor? Liberais gnósticos ou judaizantes radicais? Analisando a argumentação do apóstolo tentaremos identificar esse grupo.

2. Características do grupo antagonista

Paulo trata do grupo como sendo (a) “cães”, (b) “maus obreiros”, (c) da “falsa circuncisão” (3,2). Ao mesmo tempo, (d) centralizam seu propósito em coisas materiais (“o deus deles é o ventre” – *koilia*). Paulo ainda (e) contrapõe com esse grupo a valorização de coisas terrenas com valores celestiais (v. 19-20). Além disso, (f) Paulo argumenta contra uma perfeição já, por meio de obediência à Lei, nos termos em que ele tentou nos seus tempos de fariseu piedoso. Percebemos aí indícios de grupos judaizantes, ao mesmo tempo em que há indícios de ser um grupo helênico (gnóstico?). Analisaremos cada aspecto para nos aproximar dessa identificação.

(a) Cães: Esse era um termo utilizado pelos judeus para os gentios, de acordo com textos rabínicos. Tratava-se na verdade de uma gíria de cunho pejorativo, que indicava a selvageria gentia em contraste com a ordem judaica, baseada na Torá. Os cristãos depois adotaram para se referir às pessoas que não aceitavam a mensagem cristã (cf. Mt 7,6)². Aplicado a um grupo judaizante torna-se destoante, a não ser que, ao desconsiderar os judeus como o verdadeiro Israel, Paulo passaria a tratá-los como gentios que expressam seu descontentamento. Isso, no entanto, contraria sua posição exposta em Romanos (cap. 9–11). Não cabe aqui pensar se ele foi mudando de opinião com relação a esse assunto, mas perceber a contradição dependendo do grupo ao qual quisermos atribuir essa afirmação.

(b) Maus obreiros: Paulo cita com certa frequência esse tipo de líder na comunidade. Ele mesmo se caracteriza como obreiro. O problema está na qualidade do trabalho apresentado, que tem a ver com o ensino de doutrina falsa. Ele expressa isso em 2Cor 11,13, a quem chama de falsos apóstolos. Em Gl 1,6s ele também fala daqueles

2. Em Mt 15,26, entretanto, não há na narrativa o sentido pejorativo, mas trata-se do cotidiano da vida doméstica, em que primeiro comem as pessoas, para só então dar-se comida aos cães.

que pregaram outro evangelho. O fato é que a expressão sempre é usada em referência a pessoas que iniciam liderança na comunidade, mas propagam ideias contrárias às pregadas pelo apóstolo. Isso nos leva a pensar que se trata de um grupo que estava na comunidade ou se infiltrou nela, não um grupo que critica de longe, a exemplo do que os fariseus faziam com Jesus, conforme exposto nos evangelhos. Mesmo assim, não fica clara a identidade do grupo, pois tanto podem ser judaizantes como helênicos.

(c) Falsa circuncisão: Paulo utiliza o termo “katatomén”, que na verdade significa mutilação, diferenciando de circuncisão (“peritomé”). Há evidência da prática da circuncisão em vários povos, especialmente os africanos e árabes. De fato, evidências permitem pensar que a prática judaica tenha sua origem no Egito, onde existia a circuncisão. Mas no povo de Israel passou muito cedo a representar a aliança das pessoas com Deus, sendo praticado apenas nos homens, em geral dias após o nascimento. Ao tratar do grupo como falso circuncidado (mutilado) Paulo pode ou não referir-se a judeus. Para ele, em diversas passagens, a circuncisão da carne foi substituída pela circuncisão do coração (cf. a exposição de Rm 2 – especialmente no v. 29: “circuncisão verdadeira é a que vem do coração”; 1Cor 18s; Gl 5,6, onde ele expõe seu desprezo pela valorização da circuncisão, bem como da incircuncisão), que é mais profunda, e atinge a todos indistintamente, homens e mulheres, judeus e gentios, escravos e livres. Uma olhada rápida nessa expressão nos faz pensar que se trata de judaizantes, parecidos com os de Gálatas. Ao mesmo tempo, no entanto, se pensarmos numa referência metafórica, como ele o fez ao chamar o grupo de cães, pode tratar-se de pessoas que a princípio apresentaram piedade na comunidade, como convertidos, para depois ensinarem valores e práticas contrários aos de Paulo e do evangelho que ele pregava. Seriam mutilados espiritualmente, e não circuncidados.

(d) Centralidade no sensorial (deus *koilia*): no panteão grego não existe efetivamente um deus do ventre, mas uma deusa, que aparece em apenas um relato. É a deusa Baubo, que surge para alegrar Deméter, a mãe terra, depois que Hades sequestrou Persefone, sua filha. Desconsolada, Deméter se entrega à destruição. Baubo, um ser que é apenas torso, com olhos nos mamilos e boca na vulva, se apresenta e começa a contar piadas obscenas, e assim consola e alegra Deméter.

Essa história não prova nada em relação ao texto, mas mostra um aspecto transgressor nas mulheres da época, que para os padrões cristãos chocava pela libertinagem contida nele. Paulo usa o substantivo masculino “theós”, para indicar a importância que o ventre tinha para esse grupo. O termo “koilia” pode ser o ventre, no sentido da digestão, os órgãos sexuais, ou o útero. Para a compreensão semita era o lugar das paixões e humores. Ou seja, a expressão mais concreta do que Paulo citou muitas vezes como carne.

Seja como for, Paulo aponta para uma centralidade no sensorial, típica de grupos helênicos onde a liberdade sexual extrapolava os rígidos padrões judaicos e cristãos. Efetivamente podemos entender que se trata de uma expressão metafórica de Paulo, que não se refere simplesmente à comida, mas ao luxo próprio que envolve o ambiente helenístico da cidade. Se o grupo fosse composto de judaizantes, essa descrição estaria

em contradição com o ascetismo praticado por eles. É bem verdade que grupos helênicos também se caracterizaram como ascéticos, desprezando o corpo em favor da alma. Essa vertente ainda conseguiu manter certa presença no cristianismo, mas isso também é assunto para outro artigo.

(e) Valores terrenos e valores espirituais: na mesma linha da expressão anterior, Paulo diz que eles valorizam mais as coisas terrenas que as espirituais. Ele aponta para um dualismo presente em vertentes neoplatônicas de seu tempo, mas de forma curiosa acusa o grupo de valorizar mais as coisas materiais do que as espirituais. O gnosticismo judeu e cristão, originado na Alexandria, e que produziu vasta literatura entre o primeiro e o segundo século, lidava com esse dualismo ao contrário, colocando o espiritual acima do material. Na verdade o corpo seria uma prisão para o espírito.

Entretanto, vemos Paulo orientando suas comunidades com respeito a um movimento que, por se considerar espiritual, pensava que nada que fizessem fisicamente influenciaria sua vida espiritual, como se alma e corpo estivessem em compartimentos separados. Essa ideia aparece em 1Cor 6,12-20, com relação a essa vertente que pensava na separação absoluta entre carne e espírito. E parece que essa questão ainda afetou as comunidades paulinas por um bom tempo, conforme se pode perceber em Cl 2,20-23, em que o autor explicita o problema. Essa dificuldade presente no dualismo neoplatônico dificultou consideravelmente a pregação de Paulo, pois muitos defendiam essas vertentes dentro das comunidades, interpretando o evangelho pregado de acordo com sua própria filosofia.

A questão da identidade do grupo, neste caso, parece tender para um grupo helenista gnóstico, posto que o gnosticismo judeu tinha mais tendência ao ascetismo.

(f) Perfeição pela obediência à Lei: legalismo. Paulo não chama o grupo de legalista, mas em sua defesa deixa transparecer que esse grupo pretende se aperfeiçoar por meios humanos. Por diversas vezes ele indica que poderia confiar na carne (3,4), e que preferiu a justiça que não procede da lei, mas da fé (v. 9). Neste caso, há uma tendência do grupo ser de judaizantes, por causa do legalismo implícito; entretanto, também grupos gnósticos helenistas tinham o ascetismo como premissa de vida.

Em seu argumento, o apóstolo aponta para a perfeição como um alvo futuro, uma meta a ser alcançada, e não como algo conquistado em definitivo, que não depende de contínuo esforço e trabalho. Paulo afirma que ainda está em busca da perfeição (3,12) e que na verdade isso só se dará completamente no céu, que é a verdadeira pátria (*politeuma*) dos crentes em Cristo, quando serão transformados completamente (3,20-21). Isso pode indicar, na verdade, que o grupo considerava que a perfeição já tinha sido alcançada, e que a possibilidade de pecar novamente não existia. Assim, se justificaria sua tendência ao materialismo, ao invés de uma busca por valores ainda não plenamente alcançados.

Para compreender de maneira ampla as características acima mencionadas, é importante entender a expressão “inimigos da cruz de Cristo”, central para nosso estudo.

3. Inimigos da cruz de Cristo

De todos os títulos que Paulo usou em referência ao grupo opositor, a expressão mais forte é esta: “inimigos da cruz de Cristo”. O significado dessa afirmação só pode ser entendida no bojo da teologia paulina a respeito de Cristo e sua entrega na cruz. “A cruz é em Paulo um conceito-chave teológico” (WOSCHITZ, in BAUER, p. 81). Pela cruz é que as pessoas têm acesso à justificação, à aliança e a consequente salvação. Paulo identifica na cruz de Cristo o meio de acesso único ao perdão de Deus.

Em outra ocasião ele mesmo advertiu aos coríntios: “Porque não me enviou Cristo para batizar, mas para evangelizar; não com sabedoria de palavras, para não esvaziar a cruz de Cristo” (1Cor 1,17). Depois ele afirma ainda mais categoricamente: “mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios” (v. 23). Ou seja, Paulo sabia que a cruz gerava más interpretações, discussões ideológicas e filosóficas, que a Igreja viu transformar-se nos séculos seguintes como base para diferentes doutrinas, consideradas heréticas em sua maioria.

De algum modo parece que os antagonistas de Filipos tentaram diluir a dura realidade da cruz, como se a vida cristã pudesse ser experimentada sem sofrimento. De fato, a mensagem da cruz passa longe de um evangelho triunfalista, onírico, descomprometido com a realidade social onde estavam inseridos, que sob muitos aspectos foi apregoado pela vertente gnóstica cristã, nas décadas posteriores a Paulo.

A consequência, para Paulo, é que a atitude deles terá um efeito punitivo. O texto não tem caráter profético, mas trata do esquema “ato-efeito”, que Paulo utiliza em outros momentos (especialmente em Gl 6,1-8, onde ele expõe claramente essa ideia). Seria uma justaposição do ato e da punição, dentro de um anúncio condicional de perdição.

4. A resposta de Paulo: autonegação e entrega

Paulo responde ao problema com um texto de autorrecomendação e autodefinição. Essa posição de Paulo é comum aos carismáticos diante da ameaça de outras lideranças, no caso falsos mestres. Para contrapor as ideias preconizadas por esse grupo Paulo inicia com uma autobiografia anuladora. Ele justifica essa abordagem apontando que poderia confiar em sua própria origem. É hebreu autêntico, conhece sua linhagem, fiel à Torá, zeloso na religião; mas considerou tudo isso como refugio, em função “da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus” (v. 8b). O uso do termo conhecimento aqui deve ser associado ao termo hebraico que fala de conhecimento não como uma abstração racional, mas como experiência pessoal, como ensino a partir de uma vivência prática.

Por outro lado, Paulo reforça a dimensão escatológica de sua mensagem, indicando que a realização plena dos crentes só se dará nos céus, e o acesso a ela se dá por meio do sofrimento e da morte de Cristo Jesus (3,10.12). A recomendação ética de 3,12-16 deve ser entendida à luz dessa conclusão, para haver boa compreensão da afirmação paulina.

O que Paulo pretendeu com sua argumentação? Indicar que valores deveriam conduzir a vida da comunidade, alertar com relação aos ensinamentos falsos, que poderiam confundir e até desvirtuar a fé da comunidade, e apontar para alvos que alimentassem o temor e a fidelidade dos filipenses. O reforço positivo da identidade do grupo, mais o alerta de punição sobre o grupo antagonista, devem ter sido considerados suficientes para o apóstolo prevenir uma ruptura da comunidade com outras comunidades paulinas.

5. Uma análise final do grupo antagonista

Afinal de contas, qual é a identidade desse grupo, que faz Paulo alertar tão veementemente a igreja de Filipos? A partir do que foi exposto acima, podemos pensar algumas possibilidades:

– Era um grupo de judaizantes, nos mesmos moldes do grupo que tentou influenciar a comunidade dos gálatas. Contra essa possibilidade, há o fato dele não citar Pedro ou qualquer outro líder do cristianismo judaico, que Paulo considerava crentes fiéis, mas que deveriam pregar somente aos da circuncisão (cf. Gl 1,9). Paulo a princípio não chamaria esse grupo nem de cães e muito menos de inimigos da cruz de Cristo. O uso de falsa circuncisão nada prova, se considerarmos o argumento de que Paulo expressava a ideia metafórica da circuncisão, que é a do coração.

– Era um grupo de helenistas (proto) gnósticos, como os que rondaram a comunidade de Corinto. A favor dessa hipótese temos:

(a) os argumentos contra uma materialização da vida cristã. Esse grupo desprezava o corpo, mas por isso mesmo se entregava aos vícios da cultura helênica, por considerar que nada que fizessem com o corpo poderia prejudicá-los. Só é preciso ter certo cuidado na interpretação da posição de Paulo, para não se cair num outro extremo (como o que aconteceu em diversos momentos da história da Igreja). O argumento de Paulo precisa ser de opostos por conta da gravidade da situação; argumentar de forma conciliatória levaria o apóstolo a uma perda de autoridade diante do grupo;

(b) um imediatismo da perfeição, decorrente do desprezo ao corpo. De fato não era um grupo legalista, mas que pensava já ter cumprido toda a lei, e por isso não podia ser julgado por ninguém. Da mesma maneira, essa projeção deve ser entendida dentro da gravidade da discussão de Paulo com o grupo. O próprio Paulo tratou por diversas vezes da presença do reino hoje (cf. Rm 14,17; 1Cor 12,27; 2Cor 3,14s). Não há em Paulo, de forma conclusiva, uma ideia de projeção escatológica que anule a realidade do reino já, ou que torne essa vida mera passagem para outra. Essa era justamente a argumentação do grupo opositor.

Por essas evidências entendemos que os inimigos da cruz de Cristo deviam ser de origem helênica, convertidos à comunidade, no início aparentando piedade cristã, para depois apresentar um comportamento contraditório ao ensino de Paulo. Por isso mesmo o grupo começou um ensino que colocava a perfeição já, sem a necessidade de uma piedade mais profunda, e que dava a eles a condição de liberdade para viverem da forma que quisessem, segundo suas próprias concepções de certo e errado.

A advertência de Paulo quanto a esse grupo demonstra que era esperado um juízo, senão da comunidade, do próprio Deus. Se isso aconteceu, ou qual foi o final desse grupo, não temos notícia. O fato é que Paulo, enquanto pode, procurou manter as comunidades sob sua liderança vivendo debaixo de uma mesma diretriz, à qual sem dúvida gerou o cristianismo que hoje conhecemos. Assim, fica claro que esse grupo não prevaleceu num contexto maior, dentro do quadro do cristianismo primitivo.

Referências bibliográficas

- BAUER, J.B. *Dicionário bíblico-teológico*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- KOESTER, H. *Introdução ao Novo Testamento 2*. São Paulo: Paulus, 2005.
- RUSCONI, C. *Dicionário do grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003.
- VAN DEN BORN, A (org.). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

Marcelo da Silva Carneiro
Rua Araújo Leitão, n. 607 – bl 01, ap 704
Engenho Novo
20715-310 Rio de Janeiro, RJ
Email: prmscarneiro@yahoo.com.br

Pequeno resumo

Esse artigo se propõe investigar a identidade do grupo ao qual Paulo chamou de “inimigos da cruz de Cristo”, e que aspectos ele combateu nesse grupo.